



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA

**ACTA NÚMERO TRÊS**

**ACTA DA 2.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E NOVE.** -----

----- Aos vinte e cinco dias do mês Abril do ano de dois mil e nove, pelas dez horas na Praça do Doutor José Vieira de Carvalho e no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal da Maia, na sua 2.ª Sessão Extraordinária, convocada pelo seu Presidente, Senhor Luciano da Silva Gomes, em edital datado de 01 de Abril de 2009 e com a seguinte -----

----- **ORDEM DE TRABALHOS:** -----

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO;**

**2. EVOCACÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.**

----- Verificadas as presenças, constatou-se as ausências dos Senhores Deputados Abílio Rodrigues de Sousa, António Alberto Anjos Monteiro, António Manuel Santos Teixeira, Cândido Joaquim Lima da Silva Graça, Hamilton de Sousa Martins Prata, Joaquim Guilherme da Costa Maia, Luís Miguel Machado Dias, Maria Luísa Dias Barreto e Rui Manuel Carvalho Dias. -----

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO.** -----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município pelos Senhores Presidentes da Assembleia e da Câmara Municipal, Luciano da Silva Gomes e António Gonçalves Bragança Fernandes, respectivamente, ao som do toque do Grupo de Clarins da Fanfara da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Pedrouços. Seguiu-se no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, a Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974. -----

**2. EVOCACÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.** -----

**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, SENHOR LUCIANO DA SILVA GOMES,** saudou todos os presentes e informou que conforme o acordado com os Líderes dos Grupos Parlamentares, iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, a que se seguiam as intervenções de cada um dos representantes das Forças Políticas, representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade e que seria finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A Sessão seria encerrada com o toque do Hino Nacional, A Portuguesa. -----

----- Usaram da palavra os Senhores: -----

**ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,** que depois da saudação a todos os presentes disse o seguinte: -----

“É com grande honra que a Câmara Municipal da Maia se associa a esta comemoração e felicita a sua Assembleia Municipal, nesta cerimónia de comemoração do 35.º aniversário do 25 de Abril. Aproveito assim esta oportunidade para felicitar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, Luciano da Silva Gomes, não só pelo seu trabalho incedível em prol da defesa dos direitos e interesses dos cidadãos enquanto Autarca, mas também pelo seu empenho e pela dedicação em prol de uma causa pública que a todos nos diz respeito. Aos restantes elementos da Mesa da Assembleia Municipal, e bem assim a todos os Deputados Municipais, eu endereço, igualmente, as minhas sinceras felicitações, enquanto representantes do poder local e fiscalizadores democráticos desse mesmo poder. Esta data histórica para o País constituiu um marco na democracia portuguesa, através da implantação do Estado de Direito Democrático, assente na democracia popular, com instituições soberanas e independentes. Desde aquela data de 1974, o País viveu inúmeras transformações até aos dias que hoje correm. Muitas foram as alterações vividas e sentidas pela população portuguesa e pelas suas instituições. A caminhada pelo respeito da vontade popular e dos princípios civis e políticos dos cidadãos, levou algum tempo a consolidar-se, mas hoje em dia é um facto assumido e concreto do nosso Estado de Direito. A afirmação dos direitos de cidadania, das



instituições e do poder local democrático, são apenas algumas das conquistas que devemos enaltecer e preservar, rumo a um futuro ainda melhor. Por todo o País se comemora hoje a data que assinalamos. Também aqui na Maia se comemora esta data, com elevado sentido de responsabilidade e conscientes do seu significado. A Maia é uma Terra de seculares tradições, feita de homens e de mulheres de grande coragem e de grande determinação, que souberam acompanhar o desenvolvimento do País, criando um Concelho onde a igualdade de oportunidades e o respeito pelos direitos cívicos não são palavras vãs e sem significado. Por isso mesmo, nesta comemoração devemos olhar o passado como um elemento da nossa história colectiva, realçando tudo aquilo que conseguimos obter através da acção e do esforço daqueles que nos antecederam nestes 35 anos de democracia. Mas da mesma forma que enaltecemos o passado, também devemos olhar para o futuro com a mesma determinação e com a mesma vontade de vencer. Só assim seremos ainda melhores naquilo que fazemos, naquilo que pensamos e naquilo que somos. Esta é a nossa intenção, e esta é a nossa herança. A todos o meu muito obrigado.”-----

**FLORIANO DE PINHO GONÇALVES, PELOS INDEPENDENTES DE VILA NOVA DA TELHA**, depois da sua saudação aos presentes disse o seguinte: -----

“Passados trinta e cinco anos celebramos, uma vez mais, o aniversário do 25 de Abril. Comemoramos de nova esta efeméride, que se repete todos os anos, mas corre-se o risco de celebrar uma mera repetição do dia feriado e de perder cada vez mais a noção daquilo que representa o 25 de Abril para a democracia em Portugal. Não estaremos a transformar o 25 de Abril num ritual, ao qual os cidadãos começam a ficar alheios? Qual o sentido que este Dia da Liberdade tem para os jovens que nasceram depois de 1974? Por isso, não será demais repetir, quais os factos históricos que motivam estarmos aqui reunidos. À data de 1974, a democracia ainda não tinha chegado ao nosso País, que estava submetido às exigências de um partido único. Já toda a Europa tinha enveredado por outro tipo de vivência política e económica. Foi necessário o inconformismo de jovens militares, relacionado com uma oposição dos oficiais de

carreira, a decretos que permitiam o ingresso de oficiais milicianos no quadro permanente, associada também ao descontentamento resultante de uma guerra para a qual não se via solução, que acabou por ganhar força e resultar em intervenção política. É do conhecimento geral que não havia liberdade de opinião. Quem ousasse criticar o regime, ou se manifestasse contra a guerra nas então denominadas províncias ultramarinas, corria sérios riscos. A fuga para o estrangeiro foi, muitas vezes, a solução encontrada por aqueles que se opunham à situação vigente, para não irem parar às sinistras prisões políticas. Os partidos ou movimentos políticos estavam proibidos. Eleições não existiam, salvo casos excepcionais e devidamente controladas pelo poder instituído. Os trabalhadores não tinham o direito de defender os seus legítimos interesses e estavam proibidos de recorrer à greve. Só era permitida a vida cultural que o aparelho do Estado entendesse adequada. A grande maioria das Nações Ocidentais estava em oposição ao regime. A política do “orgulhosamente sós” começava a embaraçar os nossos habituais aliados. Não devemos esquecer que foi com o 25 de Abril que este estado de coisas se modificou e hoje podemos estar aqui reunidos, manifestar livremente as nossas opiniões, muitas vezes divergentes, com conceitos políticos diferentes, mas abertamente, sem medo, tendo como limite o respeito que devemos uns aos outros. Infelizmente, a actual conjuntura, bastante complicada, tem vindo a contribuir para o instalar de uma certa descrença nas Instituições, nos poderes políticos e nos governantes, nos gestores de empresas públicas e privadas. Todos os dias tomamos conhecimento de empresas que entram em processo de falência, de trabalhadores que ficam sem emprego. É preocupante a angústia das famílias onde, por vezes, todos os seus membros activos perderam o emprego e não têm como pagar a prestação do seu apartamento ou a renda da sua casa. As dificuldades em sustentar a família começam a acentuar-se assim como a falta de recursos para a educação dos filhos. É aflitivo ver os mais idosos fazerem contas à magra reforma, para comprarem os medicamentos de que precisam. O recurso à ajuda de instituições de caridade começa a alargar-se a uma mais vasta gama de cidadãos. Os actos de vandalismo e assaltos têm aumentado, criando um ambiente de



insegurança nas pessoas. A crise, sem precedentes, está instalada e todos os agentes económicos reconhecem que a situação se deteriora, impulsionada também pela conjuntura externa. O 25 de Abril merece, sem sombra de dúvida, ser celebrado, mas a melhor homenagem que lhe podemos prestar será o empenho de todos no futuro e na ambição de criarmos as melhores condições para os nossos filhos e para os nossos netos. É necessário aplicar todo o nosso engenho e arte na descoberta de processos e de políticas económicas que restituam a tranquilidade às pessoas. É preciso encontrar formas, e pensar o que deve ser feito, para que os cidadãos ganhem uma nova confiança e respeito pela actividade política. É necessário mobilizar os jovens para que sejam parte activa na vida política. É preciso garantir aos cidadãos a sua segurança pessoal e dos seus bens. É necessário que a justiça seja mais célere e julgue, com imparcialidade, todos os actos ilícitos que, ultimamente, têm proliferado. É preciso criar melhores condições para os mais desfavorecidos e proteger, na velhice, os idosos mais carenciados. É necessário criar a confiança num Portugal melhor em que os cidadãos se sintam bem, onde as suas necessidades básicas sejam totalmente satisfeitas. De todos os quadrantes se ouve falar em recessão, e que a economia portuguesa deverá contrair-se, e que Portugal só sairá dela quando a Europa começar a recuperar. Pois que se comece desde já, com o necessário empenho de todos, políticos e comunidade civil, trabalhadores e empresários, que tomem as atitudes necessárias, que desenvolvam os esforços precisos, que enfrentem os sacrifícios que forem pedidos, para que os ideais do 25 de Abril se cumpram e continuem a cumprir-se. Viva o 25 de Abril.”-----

**ALCINDA MÁRCIA OLIVEIRA GUEDES DA SILVA, PELA COLIGAÇÃO**

**DEMOCRÁTICA UNITÁRIA**, saudou todos os presentes e de seguida disse o seguinte:

“Celebramos hoje os 35 anos da Revolução de Abril. Celebramos hoje para não esquecer as conquistas que foram feitas e o país que na altura foi deixado para trás. Um País em que os cidadãos não eram todos livres e iguais; um País em que não se falava de direitos e Liberdade, senão apenas para alguns. Com a Revolução de Abril nasceu um País com o direito de voto e

Liberdade para todos. Não só a Liberdade de Ser, de nos deixarem ser, mas a Liberdade de exigir o cumprimento dos Direitos Económicos e Sociais, todos aqueles Direitos que não são apenas palavras, mas aqueles que fazem a vida e permitem a vida com toda a dignidade aos Homens e Mulheres, e, por isso se chamam Direitos. Comemoramos hoje os sonhos realizados. Comemoramos hoje a ruptura de há 35 anos com um país que desprezava os seus cidadãos, que nada tinham para oferecer senão o obscurantismo e o medo. Mas acordamos hoje e vemos que o país sonhado não é o país real. Durante longos e duros 35 anos, foram sendo destruídas as conquistas de Abril. Com políticas se vai destruindo a Democracia. Com políticas se vai destruindo o Direito ao ensino público gratuito e de qualidade; com políticas se vai destruindo o Direito à saúde; com Políticas se vai destruindo o Direito ao Trabalho; e imagine-se que com processos judiciais se tentam calar as vozes dos que exercem o seu direito de manifestação, os que erguem as suas vozes e exigem um país mais justo e solidário. Para quem não compreende que é a dignidade da pessoa humana e a vontade popular que deve nortear as políticas, comemoramos a Revolução de Abril para lembrar que os Governos existem para o Povo e por ele são comandados; porque os impostos são pagos pelo Povo e para o Povo e não para a corte governamental. Lembramos que os governos existem para servir o povo e que este tem o dever constitucional de resistir contra actos e políticas que ofendam os seus Direitos e Liberdades. Comemoramos por isso, a liberdade de resistir e a capacidade sempre presente de transformar. Demitam-se os Governos que não sabem servir o Povo, sem medo, porque é sem medo que caminhamos!”-----

**SILVESTRE SANTOS GOMES PEREIRA PELO BLOCO DE ESQUERDA** saudou todos os presentes e disse o seguinte: -----

“Para o Bloco de Esquerda recordar e homenagear Abril é: **Não ter memória curta!** Há 35 anos aconteceu Abril. Mais que um regime apodrecido que acabou, houve um tempo de esperança e renovação que marcou uma geração. Lembremo-nos de algumas coisas:-----

- Que estávamos envolvidos numa guerra sem saída, com os seus milhares de mortos, feridos e estropiados e famílias destruídas;
- Que ter automóvel não era para todos e um televisor a cores era um luxo;
- Que o amém e o beija-mão eram a regra e ser diferente era ser perseguido;
- Que o trabalho tinha leis que sufocavam quem trabalhava;
- Que lutar pelos direitos de quem trabalhava dava direito aos calaboiços da pida;
- Que a escola era para alguns e a universidade para muito poucos;
- Que a saúde era a farsa das Caixas de Previdência;
- Que a mortalidade infantil no nosso país era do nível dos países subdesenvolvidos;
- Que emigrávamos aos milhares;
- Que a cultura era o Festival da Canção e os Serões para Trabalhadores.

Foi há 35 anos. Passou depressa!... Mas quase nos esquecemos que com o 25 de Abril de 1974, um povo inteiro lutou para mudar o mundo em que vivia. Depois de 48 anos de ditadura de Salazar e Caetano, foi o fim da PIDE, a libertação dos presos políticos, o fim da guerra colonial, o fim da censura, a conquista da liberdade sindical, a legalização dos partidos, a possibilidade de eleições livres e democráticas a conquista do primeiro salário mínimo nacional (3300\$00 à época), a conquista de direitos iguais para as mulheres. Mas lembremo-nos também que foi a imensa energia do movimento popular que obrigou a que as coisas mudassem. E as coisas mudaram. Foram as organizações populares de base, as lutas pela habitação digna, pelo acesso universal ao ensino, a criação do Serviço Nacional de Saúde, o direito generalizado a pensões de reforma, foi a aprovação de uma Constituição democrática. O 25 de Abril de 1974 foi uma das mais formidáveis movimentações populares da segunda metade do século XX. Deu um contributo decisivo à democratização de outros países sob regimes ditatoriais, como a Espanha e a Grécia. Tivemos, pela primeira vez, um poder local em que os autarcas são eleitos pelas populações e não mais nomeados pelo Terreiro do Paço. Lembrem.-o-nos portanto que:-----

- Durante anos as nossas forças armadas tinham apenas missões de paz, e que nos envergonhamos dos políticos que as lançaram de novo (e as mantêm) em aventuras belicistas e guerras ilegais;
- Durante anos o nível de vida foi francamente melhor, e que nos revoltamos ao ver como pouco a pouco as desigualdades gritantes foram voltando e o poder do dinheiro gordo se tornou de novo lei;
- Durante anos vimos a pluralidade de opiniões existir sem problemas, sem que o país caísse na anarquia como alguns saudosistas profetizaram, e que nos alarmamos hoje ao ver como a maioria dos meios de comunicação foram, pouco a pouco, entregues ao capital e aos fabricantes de opinião sem escrúpulos;
- Durante anos as leis do trabalho impuseram limites à arbitrariedade, e se exigiu decência ao funcionamento da economia, e que nos ameaçam hoje as consequências do ideário neoliberal se ter tornado dominante, como é o caso das leis Bagão Félix e Vieira da Silva, em que finalmente se dá rédea solta ao emprego precário, e ao desemprego como norma;
- Durante anos a escolaridade aumentou e cresceram universidades por todo o lado, e que hoje tentam impor-nos de novo as escolas dos senhores directores e as universidades só para quem pode pagar;
- Durante anos tivemos a possibilidade de criar um dos melhores serviços de saúde pública da Europa, e que tentam hoje descapitalizá-lo e favorecer as negociatas das clínicas privadas;
- Durante anos tornamo-nos um país onde valia a pena viver e recebemos milhares de imigrantes de outras terras, e incomoda-nos ver hoje os nossos jovens estudarem para emigrar, porque esta terra já não parece ter nada para lhes oferecer;
- Durante anos tivemos, entre muitos outros, a Barraca e a Comuna, o Rui Veloso e os Xutos, Zeca Afonso, tivemos toda uma multidão de experiências criativas como a marca



do nosso dia a dia, e repugna-nos ver agora como as telenovelas xaroposas e as galas do jetset se tornaram no tema principal das notícias.

Uma coisa é certa: lembremo-nos que o nosso bem estar não é garantido se não lutarmos por ele, se não nos opusermos ao credo neo-liberal que foi o essencial dos governos dos últimos 25 anos, se não impedirmos que todo o poder fique na mão dos especuladores da banca e da finança e dos politiquieiros ao seu serviço, se não denunciarmos e enfrentarmos os corruptos que por aí se instalaram. Tal como diz a canção do Sérgio Godinho “ Só há Liberdade a sério quando pertencer ao Povo o que o Povo produzir”! Trinta e cinco anos depois de uma data libertadora, há ainda muito a cumprir, há a democracia a aprofundar através da participação popular, há a regionalização como caminho para um país social e territorialmente coeso. Hoje, 35 anos depois de Abril, há um interior despovoado, centros históricos das cidades ao abandono, periferias urbanas desqualificadas, recursos naturais desperdiçados. É a glória da governação neo-liberal! Durante anos, os neo-liberais enganaram muita gente: defenderam que a desregulação da economia era o caminho, que a “mão invisível do mercado” era a solução de todos os problemas. Para obterem fortunas de um dia para o outro, enfraqueceram em meios materiais e humanos as entidades fiscalizadoras da actividade financeira. Com eles os contratos a prazo e o trabalho precário passaram a ser a regra e não a excepção. Para eles um trabalhador passou a ser um “colaborador”, mas sem vergonha o exploram e despedem, porque também nos iludem com as palavras. Hoje, 35 anos depois do 25 de Abril, vive-se em Portugal uma das situações sociais mais graves de sempre: mais de 500 000 desempregados, salários cada vez mais baixos, endividamento brutal das famílias. Milhares de jovens são condenados ao trabalho precário, com ordenados de miséria e sem futuro. Até os números do sempre “bem comportado” Banco de Portugal, o tal que nunca é capaz de descobrir as falcatruas dos poderosos, até esses números concluem pela existência de 2 milhões de pobres (ou seja, pessoas com um rendimento mensal inferior a 382 euros). Trezentas mil crianças vivem na pobreza. Perante esta situação, perante a gravidade dos factos, o governo central e o

poder local têm de avançar com medidas excepcionais urgentes, de apoio aos desempregados, às famílias sobre-endividadas, aos jovens sem trabalho. Para responder às expectativas e aspirações populares. Porque a memória do 25 de Abril o exige! Os Maiatos não são excepção e hoje no nosso Concelho são cada vez mais os que sofrem com o desemprego, com a miséria, com a exclusão social e com a pobreza explícita ou escondida! Por isso é nossa obrigação lutar juntos na busca de soluções para minorar o sofrimento dos maiatos em maiores dificuldades. Não ter memória curta, lembrar a esperança de Abril e repudiar o esterco social que nos querem impingir como o estado natural e inevitável das coisas, é a luta para os dias de hoje! E para essa luta, podem contar connosco!...25 de Abril sempre! Viva o 25 de Abril!”.-----

**LUÍS MARIA FERNANDES AREAL ROTHES PELO PARTIDO SOCIALISTA,**  
saudou todos os presentes e disse o seguinte: -----

*“Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida,  
que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.*

1. Este é o final de um poema, que, aliás, muitos de nós já cantámos, em que o professor, físico e poeta António Gedeão / Rómulo de Carvalho deu conta, já em 1956 (In *Movimento Perpétuo*), da esperança num mundo melhor, essa esperança que suportou a luta de muitos pela democracia em Portugal. E a verdade é que, em 25 de Abril de 1974, depois de 48 anos de ditadura, o país redescobriu finalmente a liberdade. É por isso que, 35 anos depois, continuamos a celebrar esta data. E vale bem a pena fazê-lo, pelo menos por quatro razões fundamentais.-----

2. Em primeiro lugar, o 25 de Abril é um bom momento para valorizarmos a memória. Desde logo, para continuarmos a denunciar uma ditadura indesculpável e – já agora - todos aqueles

que, de várias formas, procuram minimizar as atrocidades de um regime que se suportou na opressão e na censura, na prisão política e na tortura; que mergulhou o país numa guerra colonial absurda e contraproducente; que limitou as possibilidades da nossa economia se integrar no espaço das nações democráticas e de acompanhar o ritmo impressionante de crescimento das economias europeias do pós-guerra, forçando por isso aproximadamente 1 milhão de portugueses a emigrar.-----

3. Mas é preciso também ter memória para afirmarmos tudo o que conseguimos com a democracia. É bom sermos exigentes mas sem esquecermos que o país vive desde 1974 o mais longo período de paz e democracia da sua História. E isto num quadro em que, apesar de todas as dificuldades e de todos problemas e injustiças prevalecentes, avançamos com a integração europeia, aproximamo-nos dos padrões de vida dos países mais desenvolvidos e desencadeamos, mesmo que de forma ainda insuficiente, alguns mecanismos essenciais do Estado Social, conseguindo melhorias importantes em domínios como os da educação, da saúde e da segurança social.-----

4. É também por tudo isto que o 25 de Abril é um bom momento para afirmarmos os valores comuns da democracia e da liberdade. Uma democracia adulta tem que se suportar no reconhecimento, partilhado por todos nós, de que há um património de valores e regras democráticas que comungamos. É por isso que o 25 de Abril deve ser celebrado por todos aqueles que reconhecem a democracia como o espaço crucial de afirmação da cidadania. Devemos por isso festejar, de forma popular e pedagógica, seguramente, mas também com a solenidade que a efeméride justifica: estamos a falar do acto fundador do nosso regime democrático. Foi apenas por isso que o PS se insurgiu vivamente com o interregno absurdo, no ano transacto, desta cerimónia e é também por isso que defendemos, este ano, que devia ser retomada esta prática já estabelecida na vivência democrática maiata.-----

5. Agora: é bom sublinhar que o 25 de Abril é igualmente um bom momento para celebrarmos o direito à diferença e para sublinharmos o seu valor democrático. Meio século de ditadura

corporativa deixou algumas marcas que perduram. Uma delas é uma pressão rasteira para o unanimismo e para a bajulação do poder. Ora, se a democracia exige a aceitação de valores e regras comuns, ela vive da afirmação clara das diferenças, reconhecendo a importância económica, social e política de uma vivência democrática plural. É por isso que, ao nível local, a Assembleia Municipal é o fórum de excelência para a comemoração solene do 25 de Abril. É aqui que, com mais clareza, se expressam politicamente os diferentes pontos de vista que marcam a vida maia. E àqueles que lamentam uma excessiva vivacidade que o debate possa por vezes assumir, é bom sugerir uma visita ao Parlamento inglês, para observarem a vida parlamentar numa democracia há muito estabelecida.-----

6. As diferenças políticas devem pois ser inequivocamente expressas e as assembleias políticas deliberativas são os espaços de excelência para que aquelas se manifestem. O importante é que o debate político reflecta duas coisas essenciais: primeira, que existem ideias sobre o futuro colectivo e a forma de melhorarmos a vida quotidiana das pessoas; segunda, que a construção dessas soluções se suportam numa forma exigente de encarar o trabalho político. Estas têm sido preocupações essenciais do Partido Socialista, presentes também nesta AMM. Temos um lema essencial, que levamos muito a sério: QUEREMOS TORNAR A MAIA COMO UMA TERRA COM MAIS OPORTUNIDADES PARA TODOS. É por isso que, inscritos numa tradição de intervenção autárquica bem estabelecida no pensamento da esquerda democrática, temos vindo a trabalhar alguns dos desafios essenciais para concretizar aquele propósito fundamental. Apostamos, pois, designadamente:-----

a. Em políticas de ambiente e de urbanismo que promovam um desenvolvimento sustentável que a todos beneficie;-----

b. Num concelho mais solidário, que através de novas estruturas sociais e da fixação de um modelo organizativo dos serviços sociais concelhios adequado, assegure a todos condições de vida decentes;-----

c. Em que a Maia se constitua como uma comunidade educativa de cidadãos dispondo de uma rede qualificada de serviços educativos e com oportunidades de fruição e criação culturais em todo o espaço concelhio;-----

d. Na valorização do tecido económico do concelho, para que todos possam dispôr de oportunidades de emprego qualificado e de realização profissional;-----

e. Na promoção de condições que favoreçam a prática desportiva, a saúde e a qualidade de vida dos cidadãos;-----

f. Numa administração pública local mais eficaz, dando mais voz aos cidadãos, e promovendo a participação e a cidadania;-----

7. Sabemos pois muito bem o que queremos e quais os desafios que teremos de vencer para tornar a Maia nessa terra de oportunidades para todos. Só isso suporta a coerência da intervenção do Partido Socialista, designadamente nesta Assembleia Municipal: não nos limitamos a apresentar conjuntos articulados de iniciativas para responder aos problemas quotidianos das pessoas que vivem na Maia; quisemos sempre que elas se enquadrassem nos propósitos essenciais que marcam o pensamento socialista. São estas as marcas que, seguramente, irão continuar a marcar a intervenção política do Partido Socialista;-----

8. É pois com novas ideias e com serena determinação que o Partido Socialista encara a vida política local e a decisão soberana dos cidadãos da Maia. E este é o último ponto que aqui quero sublinhar: o 25 de Abril será sempre o momento de, também ao nível local, consagrar a decisão soberana dos cidadãos e a possibilidade de alternativa democrática. Numa altura em que se tornou bem visível o esgotamento da actual maioria conservadora e a perda de protagonismo a que esta vem condenando o nosso concelho, aumenta a responsabilidade do Partido Socialista liderar uma alternativa política, que restitua o dinamismo à Maia e que reforce, nos nossos concidadãos, a confiança no futuro. Apresentámos já o candidato que irá liderar a alternativa socialista ao executivo camarário e iremos, no Concelho e nas Freguesias, afirmar candidaturas consistentes a todos os Órgãos Autárquicos locais, com novas ideias e

dispostas a realizar um trabalho sério em prol do bem comum. É também assim que realizamos as promessas lançadas a 25 de Abril de 1974, que hoje, aqui, solenemente comemoramos.”.----

**ANTÓNIO FERNANDO GOMES DE OLIVEIRA E SILVA, PELA COLIGAÇÃO PRIMEIRO AS PESSOAS**, fez a sua saudação a todas as personalidades presentes e disse o seguinte: -----

“Começo esta minha intervenção por cumprimentar a Mesa da Assembleia Municipal pela realização desta Sessão Extraordinária Comemorativa do 25 de Abril. Esta sessão é um corolário das comemorações que tradicionalmente se levam a cabo no nosso Município, cumprindo e celebrando a democracia e o espírito de Abril. VEXA, Sr. Presidente é o responsável primeiro pela criação e implementação destas comemorações que, há mais de uma há uma década, esta Assembleia protagoniza de forma exemplar. Continuo a entender que a melhor forma para comemorar Abril é continuar a apelar para que a cidadania seja um valor de referência. Exercer cidadania é cumprir Abril. A Democracia só existe realmente quando assegura a todos, sem excepção, a possibilidade de exercerem, em absoluta plenitude, os seus direitos de participação na discussão da vida pública da sua terra e do seu país. Enquanto políticos e autarcas, devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para proporcionar aos nossos Municípes todas as condições para o exercício da sua cidadania. E a Cidadania só se exerce com eficácia, se os poderes instituídos disponibilizarem instrumentos capazes para o seu exercício. Para mim, a melhor forma de comemorar e respeitar o espírito do 25 de Abril é criar mecanismos de consolidação de uma democracia verdadeiramente participativa. Creio que nesta matéria, esta Assembleia Municipal tem sabido constituir-se como um tributo ao espírito de Abril e assume-se claramente como um paradigma a nível nacional. A prova óbvia do que afirmo é o facto de hoje, e pela primeira vez na história desta Assembleia, estarmos aqui nesta sala a emitir online, para o mundo, a nossa singela homenagem a todos os portugueses que, há 35 anos, conquistaram, através da revolução dos cravos, a liberdade e a democracia para Portugal. É rigorosamente através de iniciativas como esta que esta Assembleia mostra estar



atenta à evolução do mundo, esta é a nossa melhor forma de participarmos activamente neste mundo globalizado e de permitir que a globalização da informação e da participação entre no nosso meio. Vivemos num país profundamente mergulhado numa gravíssima crise económica e social onde os portugueses olham para os políticos com acrescida desconfiança. Uma desconfiança que resulta, fundamentalmente, da incapacidade que muitos revelam de cumprir as promessas que celebram com os eleitores, muitas vezes sob compromisso de honra, nos períodos de campanha eleitoral. É rigorosamente por considerar fundamental que os políticos sejam responsáveis e responsabilizados pelas suas promessas eleitorais que hoje, dia 25 de Abril de 2009, posso orgulhosamente dizer a todos os Maiatos, que nesta casa, que nesta Assembleia há Políticos e Autarcas de confiança. Com a realização desta sessão online, a Coligação Primeiro as Pessoas, coligação amplamente maioritária nesta Assembleia cumpriu, rigorosamente, tudo aquilo que prometeu aos maiatos através do manifesto eleitoral de candidatura que nas últimas eleições os maiatos sufragaram tão amplamente. Que bom seria para o país que todos os políticos pudessem afirmar o mesmo. Que bom seria para o país e para os portugueses se assim fosse. Ao longo destes quase 4 anos, dando cumprimento cabal ao nosso programa eleitoral, criamos mecanismos eficazes de informação, parecendo-me que a revista Sentir a Maia é sinal disso mesmo, por forma a que todos saibam quando e onde se realizam as sessões da Assembleia Municipal e quais os assuntos que são da sua responsabilidade. Não podemos deixar de referir o orgulho que sentimos pelo facto de sermos a única Assembleia Municipal do país a ter uma publicação periódica deste género. Aliás, convém referir que dedicamos o primeiro número deste mandato precisamente à revolução de Abril. Realizámos visitas temáticas ao concelho e às suas instituições., sabendo que a melhor forma de sentir os problemas e os anseios das populações é constatar in loco as suas realidades. Realizámos Assembleias Municipais descentralizadas, contemplando as diversas Freguesias da Maia com a participação efectiva dos membros das Assembleias de Freguesia. Esta proximidade entre Órgãos Autárquicos afigurou-se-nos como fundamental para o

exercício pleno dos cargos para os quais somos eleitos. Criou-se um site da Assembleia Municipal profundamente interactivo. Esta é a melhor forma de possibilitar um funcionamento quase permanente deste Órgão. Um site onde a Mesa da Assembleia Municipal, os Líderes de Bancada e todos os Deputados e Forças Políticas eleitas podem ser contactados no âmbito da sua actividade parlamentar. Creio que também na forma participativa como são organizadas as sessões da Assembleia Municipal se coloca em prática o mais salutar espírito democrático. Apesar desta Coligação dispôr de uma ampla maioria na Assembleia Municipal, soubemos, ao longo destes últimos anos, permitir e fomentar uma gestão pluripartidária deste Órgão. A figura da «Conferência de Líderes Parlamentares» , órgão presidido pelo Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, onde têm assento todos os Líderes de Bancada e todos os candidatos independentes é um exemplo claro de que afirmo. É neste Colectivo que foram preparadas todas as reuniões e actividades da Assembleia Municipal, e foi com inegável mérito que esta Coligação, apesar de amplamente maioritária, foi capaz de encontrar sempre soluções unânimes para o funcionamento da nossa Assembleia Municipal. É este caminho de pluralidade democrática que queremos e sabemos aprofundar de braço dado com a Mesa da Assembleia Municipal e com a colaboração de todas as Forças Políticas aqui representadas, credibilizando sempre o Órgão Assembleia Municipal e construindo dessa forma também Abril. Criámos as condições para que o divórcio entre os eleitos e os eleitores deixe de ser uma realidade no que toca à nossa terra, à nossa Maia, creio que este caminho contribui para uma efectiva aproximação entre os Autarcas e os Maiatos. Cumprimos o compromisso de criar condições para a participação real e efectiva dos Maiatos na política autárquica da nossa terra para que todos possam exercer a sua cidadania participando e cumprindo Abril.”-----

**LUCIANO DA SILVA GOMES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**

depois de fazer uma saudação a todos os presentes, disse o seguinte: -----

“Cumprindo a pretensão unânime dos Líderes dos Partidos, das Coligações e do Deputado





Independente, representados na Assembleia Municipal, pretendemos hoje, de forma simples, mas profunda, evocar o dia 25 de Abril de 1974. Trazidas a esta Assembleia Municipal, as mensagens, quer do Senhor Presidente da Câmara Municipal, que muito digna e abertamente se associou a esta comemoração, quer dos Líderes das Forças Políticas aqui representadas, resta-me considerar que todas elas, na sua visão particular e colectiva reconhecem com elevação a importância e o significado históricos desta data. Então, o que resta ao Presidente da Assembleia Municipal? Em primeiro lugar, afirmar quanto é importante para si esta comemoração. Em segundo lugar, afirmar que esta data permitiu a libertação e a consagração político-constitucional do direito de expressão, de um povo que, até então, vivia amordaçado. Povo este por quem tomavam decisões que se limitava a cumprir. O país caminhava orgulhosamente só, isolado, afundando-se no relacionamento com outros povos, entre os quais já se havia implementado uma cultura democrática. Dominava o silêncio e, aos ousados, que felizmente os houve, a resposta era a prisão e a tortura.

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhor Presidente da Câmara,

Senhores Convidados,

Minhas Senhoras e meus Senhores

Se Abril permitiu a Liberdade a cada cidadão, Homem ou Mulher, impôs também e, correlativamente, uma Responsabilidade com o mesmo peso e valor objectivo. Trinta e cinco anos volvidos, será que todos nós, aqueles que foram a Geração de Abril e os que se seguiram, sempre soubemos contribuir para que esta data se afirmasse de forma plena para todos? Será que o Sol brilhou sempre com a mesma intensidade para que os Recursos Materiais, a Saúde, a Educação, o Salário Justo, a Habitação, a Segurança, a Justiça, a todos tivesse chegado e beneficiado? A desigualdade regional e social tão marcantes e tão visíveis ainda em Portugal, que faz com que tantas famílias não tenham a menor qualidade de vida; as reduzidas pensões dos nossos idosos, os portadores de doenças crónicas sem meios para as combater e atenuar a

sua dor, os menores em risco e todos aqueles que estão em maior risco de pobreza e de exclusão social devem merecer a atenção de todos nós. Há ainda aqueles que há bem pouco tempo tinham uma boa qualidade de vida, com casa bem mobilada, automóvel, alimentação equilibrada, com possibilidades de dar uma boa educação aos seus filhos e que, de repente, por efeito não só da crise, mas também de políticas erradas, se viram arrastados para a pobreza e para toda a forma de carência. Têm casa, automóvel, uma família, mas absurdamente, estão privados de bens essenciais. Muitos estão fechados nas suas casas e a vergonha impede-os de pedir ajuda. Será que passados todos estes anos nós sabemos ser solidários com as Instituições de Solidariedade Social e com o nosso Semelhante? Ou será que passadas mais de três décadas, ainda não fomos capazes de fazer uma partilha mais equitativa, traçar um rumo certo para o nosso país, para que os pobres fossem menos pobres e os ricos fossem mais solidários e estivessem atentos a uma sociedade que sempre clamou, não por uma igualdade de riqueza, mas por uma igualdade de oportunidades de acesso aos bens fundamentais do ser Humano? Nestes 35 anos Portugal viveu alguns percalços na sua caminhada, rumo a um país melhor. Qual foi o contributo de cada um de nós nessa caminhada? Será que aqui na Assembleia Municipal, desde a sua Instituição, estivemos atentos ao fundamental ou apegamo-nos ao acessório, sem pensar no interesse colectivo?

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhor Presidente da Câmara,

Convidados,

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Os tempos de hoje são de preocupação. Mas esta situação não advém desta ou de qualquer conjuntura, deste ou daquele Governo.

É minha convicção que este Tempo que vivemos é fruto, sem dúvida, do egoísmo, da ganância de alguns, do esquecimento, da falta de solidariedade, em suma, do facto de cada um nós viver apenas para si próprio. Choca-me quando surge um problema social grave, e ocorrem no



momento muitas propostas de solução, mas que, infelizmente, e contraditoriamente acabam muitas vezes por se agravar ou por fazê-lo cair no esquecimento. Foram 35 anos em que os portugueses, na sua maioria, esqueceram os ensinamentos dos nossos avós. Estes, muitas vezes, com pouco fizeram muito. Com a dor aumentaram a solidariedade, com o sacrificio multiplicaram a esperança, enquanto a anónima ajuda ao próximo, era, por isso mesmo, feita pela calada da noite, em contraste com os tempos de hoje, em que se faz anunciar a cada esquina e até nos jornais e na televisão a pouca solidariedade prestada. Nos tempos de hoje, aqueles que detêm o poder, têm a obrigação de se constituir sentinelas, na procura de melhores caminhos, pensando sempre no todo e não apenas na parte. Nos tempos de hoje, em que se olha com tanta desconfiança, os mais variados cargos do poder, em que a corrupção nos é trazida portas adentro, por todos os Órgãos da comunicação social, é nossa obrigação reflectir, mas sobretudo estarmos atentos. Quem detém o Poder, tem a obrigação de o colocar ao serviço de todos, para que o nosso país possa encontrar o rumo certo, na defesa das nossas crianças, jovens e idosos; para que através da afirmação e contribuição dos que mandam, deixarmos o palco de ataques políticos constantes, em que nos culpamos uns aos outros e perdemos o tempo com causas estéreis, que nada interessam, em vez de o gastarmos na resolução dos problemas fundamentais duma sociedade mais justa e mais fraterna. Estamos a caminhar para o final do nosso mandato. Vamos entrar num tempo em que alguns vão gastar todas as suas energias exclusivamente em ataques políticos e pessoais. Deixo-lhes, por isso, a minha preocupação. O país vai gastar milhões. Alguns vão gastar o seu tempo, não para encontrar solução para os problemas existentes, mas para arranjar novos problemas. O país não aguenta continuar a desbaratar recursos e tempo. Saibamos, todos nós, eu e Vossas Excelências, contribuir para encontrar na diferença de opinião, as soluções certas, para que as medalhas que possamos guardar no nosso coração, sejam as do dever cumprido, e do orgulho de dedicação à causa pública, pois, se assim for, ficaremos sempre com a nossa consciência tranquila.-----

Senhor Presidente da Câmara:

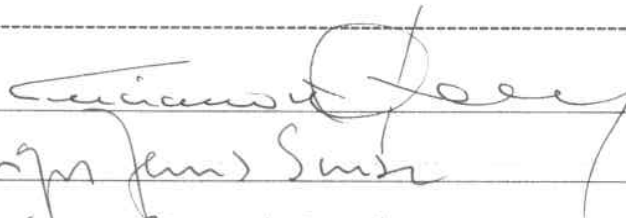
Agradeço a sua participação nesta Sessão Solene, que é para nós de grande significado. Mostra Vossa Excelência que respeita a Assembleia Municipal, como sempre o fez e estou certo assim sempre o fará.

Peço-lhe, porém, que no seu dia-a-dia esteja atento aos tempos difíceis que vivemos, procurando ajudar a resolver ou pelo menos minorar os problemas dos nossos concidadãos maiatos e, se for o caso, adiar um investimento, para com essa verba socorrer aqueles que mais precisam. Esse é o caminho que, infelizmente, nos tempos mais próximos terá a Câmara que percorrer. Bem-haja a todas as Instituições que, com a sua presença, connosco se associaram na evocação desta data: Bombeiros, Associações e Colectividades presentes, não esquecendo os colaboradores do Município que sempre estão prontos para que esta Cerimónia Evocativa, apesar de modesta, tenha sido realizada com toda a dignidade. Termino, desejando que todos nós, eu, todos aqueles a quem o Povo confiou, sobretudo os mais desfavorecidos, tudo façamos para merecer essa confiança. Muito Obrigado.”-----

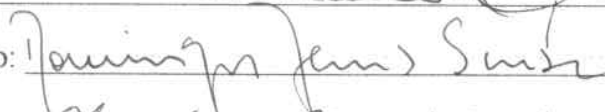
----- Terminadas as intervenções a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional, A Portuguesa.

----- E sendo doze horas do dia 25 de Abril do ano em curso, foi dada por encerrada a reunião, de que, para constar, se lavrou a presente acta que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Assembleia Municipal, Luciano da Silva Gomes, pelo 1.º Secretário Domingos de Jesus e Sousa pela 2.ª Secretária, Maria de Lurdes da Costa Almeida Rebelo Maia. -----

O Presidente:



O 1.º Secretário:



A 2.ª Secretária:

